

A compreensão dos povos indígenas da América portuguesa por Alexandre Rodrigues Ferreira durante a Viagem Filosófica (1783-1792): A apropriação de uma tradução francesa de *The History of America* (1777), de William Robertson*

por

Breno Ferraz Leal Ferreira¹

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

*Este artigo versa sobre a maneira como o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira mobilizou uma edição francesa de *The History of America* (1777), do historiador William Robertson, para compreender os povos indígenas da América portuguesa durante a Viagem Filosófica (1783-1792). Procedemos por uma comparação da edição francesa com dois de seus escritos, a *Participação Geral do Rio Negro* (1787) e as *Observações Gerais e Particulares sobre a Classe dos Mamais* (1790), evidenciando-se os usos e as apropriações textuais feitas pelo naturalista. Argumentamos que a compreensão dos povos indígenas das regiões que visitou se baseou na identificação de seu «modo de subsistência» e pela existência de um «caráter geral» ameríndio, concepções incorporadas a partir de sua leitura de Robertson.*

PALAVRAS-CHAVE: ALEXANDRE Rodrigues Ferreira; William Robertson; Viagem Filosófica; ameríndios; Ilustração; América portuguesa.

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO / CITATION: Ferreira, Breno Ferraz Leal, “A compreensão dos povos indígenas da América portuguesa por Alexandre Rodrigues Ferreira durante a Viagem Filosófica (1783-1792): A apropriação de uma tradução francesa de *The History of America* (1777), de William Robertson”, *Revista de Indias*, LXXX/280 (Madrid, 2020): 719-750. <https://doi.org/10.3989/revindias.2020.020>.

* Pesquisa financiada pela FAPESP.

¹ breferreira@gmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2340-8503>

INTRODUÇÃO

Nascido em Salvador (Bahia) em 1756, Ferreira matriculou-se na Cadeira de *Instituta* da Universidade de Coimbra, em 1768. Todavia, com a criação da nova Faculdade de Filosofia, instituída pelos novos estatutos universitários de 1772, transferiu-se para o curso filosófico. Tratava-se basicamente de um curso de ciências naturais, que tinha em seu currículo as disciplinas História Natural, Química e Física. Lá, Ferreira chegou a exercer o cargo de Preparador de História Natural. Em 1779, doutorou-se pela Universidade e, em seguida, passou a trabalhar no Real Museu da Ajuda, em Lisboa, onde havia também um jardim botânico. Nesse tempo, fez também pesquisas em regiões ao redor de Lisboa, como na mina de carvão de Buarcos, na companhia de outro naturalista, João da Silva Feijó (1760-1824). Em função destas pesquisas, foi escolhido como sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, onde apresentou algumas memórias.

Seu professor de História Natural e Química em Coimbra foi o naturalista de origem italiana Domenico Agostino Vandelli (Padua-1735 – Lisboa-1816). Vandelli foi o idealizador do projeto conhecido como História Natural das Colônias, que tinha como objetivo a realização de um grande inventário da natureza e dos povos do mundo colonial português. No âmbito deste projeto, o naturalista paduano concebeu a chamada Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro e Mato Grosso, na América portuguesa. Vandelli indicou Ferreira a Martinho de Melo e Castro (1716-1795), Secretário de Estado da marinha e do Ultramar, para que liderasse a expedição. A viagem viria a ser realizada entre 1783 e 1792.

Para a expedição, Ferreira recebeu a companhia de um jardineiro (Agostinho Joaquim do Cabo) e dois desenhistas (Joaquim José Codina e José Joaquim Freire)². A equipe foi dotada de instrumentos, livros e outros materiais necessários à viagem e às pesquisas. A excursão partiu de Lisboa e atingiu o Belém do Pará em 1783. A partir dali, seus membros navegaram pelos rios Amazonas, Madeira e Guaporé (e afluentes destes), antes de atingirem o destino final, Vila Bela, no Mato Grosso. Passaram também por núcleos urbanos, como Barcelos e Cuiabá. As dificuldades foram imensas, chegando Agostinho Joaquim do Cabo a falecer de uma febre. Foram-lhes concedidos apoios por parte de autoridades locais, principalmente para hospedagem. Informações colhidas junto aos povos locais também foram de grande valia para a expedição, tendo sido a mão de obra indígena utilizada para a navegação pelos

² Seguimos aqui a descrição da viagem conforme Simon, 1983: 24-58.

rios. O caminho da volta se iniciou em 1792, chegando a equipe de volta a Lisboa no ano seguinte.

É conhecida uma relação de livros que o naturalista levou da Ajuda, na qual não consta a obra do historiador escocês William Robertson (1721-1793), *The History of America* (1777)³. É certo, porém, que Ferreira teve em mãos volumes desta obra durante a expedição – conforme aqui argumentaremos, de uma edição francesa. Ele pode tê-los trazido consigo de Portugal ou apenas ter tido acesso a eles já na América portuguesa. É sabido, por exemplo, que o naturalista pôde consultar a biblioteca do Governador da Capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1739-1797), quando chegou a Vila Bela (1790). De acordo com Simon, lá consultou alguns tomos da *Histoire Naturelle* de Buffon (1707-1788) e a *Voyage sur la Rivière des Amazones*, de La Condamine (1701-1774)⁴. Foi dispondo dessas obras que redigiu, ao menos parcialmente, as *Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamais* (1790). Todavia, mostraremos que não foi o caso da obra de Robertson, também utilizada para a redação desta memória, pois o autor já tinha se valido da mesma para escrever a *Participação Geral do Rio Negro* (1787), quando a expedição ainda não tinha atingido o local.

Considerando a hipótese de que levou consigo os volumes de Robertson de Portugal para a viagem, pode-se imaginar que lhe tenham sido fornecidos pelos idealizadores e organizadores do empreendimento (Vandelli ou Melo e Castro). Não encontramos documentos que atestem ter sido o caso, mas pensamos haver indícios suficientes para considerar a possibilidade. A redação de uma “História Filosófica”, gênero histórico ao qual Robertson se associa, foi assinalada como um dos objetivos da Viagem Filosófica pelas autoridades portuguesas.

Alguns historiadores já apontaram para menções⁵ e usos de Robertson por Ferreira. Eduardo Galvão e Carlos A. Moreira Neto entenderam que Ferreira fez uso de Robertson para fazer uma «comparação» entre os povos indígenas do Brasil⁶. Coelho chamou a atenção para algumas referências feitas ao historiador escocês nas análises sobre os ameríndios do Rio Negro⁷. Na edição mais recente das *Observações*, Pereira da Silva, nas notas inseridas ao longo do texto, também atentou para um possível uso de Robertson⁸. Kury assinalou

³ Inventory list of equipment for Ferreira’s expedition to Pará, which departed Lisbon, 14-VII-1783. Apud Simon, 1983: 144.

⁴ Ibidem: 43-44.

⁵ Um dos primeiros foi Corrêa Filho, 1939: 100.

⁶ Galvão & Moreira Neto, 1974: 13n.

⁷ Coelho, 1998: 220 e 228.

⁸ Ferreira, 2003: 49n.

que Robertson foi «uma de suas principais fontes para análise dos indígenas americanos»⁹. Raminelli constatou haver «enorme influência de William Robertson», considerando que em algum momento da viagem Ferreira teve acesso à obra, a qual utilizou para compreender os indígenas de acordo com a concepção de História de Robertson, marcada pela evolução da humanidade por meio de etapas¹⁰.

Estamos de acordo com esse entendimento e aqui também trataremos da maneira como Ferreira mobilizou as concepções de Robertson para a compreensão dos povos indígenas da América portuguesa. Nossa proposta, todavia, situa-se no âmbito da história da cultura escrita. Pretendemos demonstrar qual foi a edição da obra de Robertson a qual teve acesso e compará-la com os escritos de Ferreira, atentando para as formas de apropriação do discurso e da escrita.

Nosso argumento é que Ferreira compreendeu os povos indígenas das regiões visitadas na América portuguesa a partir da concepção de Robertson da existência de um «caráter geral» dos povos indígenas americanos. Segundo o historiador escocês, partilhariam desse «caráter geral» todos os povos que estivessem no mesmo «modo de subsistência». Isso implicava que teriam praticamente as mesmas características culturais e políticas. A partir da aceitação desse argumento central desenvolvido em *The History of America*, o naturalista luso-americano pôde imputar ao indígena das regiões visitadas características que Robertson atribuiu a povos indígenas de outras partes da América. Todavia, sempre que possível, adicionou termos locais à narrativa.

Em relação à edição utilizada, uma referência ao título da obra em francês (“*Hist. de l’Amérique*”)¹¹ indica que se tratava de uma tradução francesa. Por ser a única edição francesa escrita até 1787 (ano da *Participação Geral do Rio Negro*) que corresponde às referências de Ferreira, afirmamos que a tradução publicada em Paris pela Librairie Panckoucke ainda no ano da primeira edição inglesa (1777)¹² era a que teve em mãos¹³. Tratava-se possivelmente de uma edição incompleta, que continha os cinco primeiros capítulos da obra, divididos em dois volumes denominados “Tome Premier” e “Tome Second”. Apontaremos ao longo do texto outras evidências de que a edição utilizada

⁹ Kury, 2004: 119.

¹⁰ Raminelli, 2008: 250-257. Raminelli e Silva 2014: 337-340.

¹¹ Ferreira, 2003: 34.

¹² Robertson, 1777c.

¹³ Outras edições francesas que consultamos referentes ao período publicadas em Paris, Neutachel, Lausanne, Maestrich e Amsterdã por livreiros como Panckoucke, Societé Typographique e Dufour-Roux, não têm correspondência exata com as referências fornecidas por Ferreira.

foi esta. Registre-se também que reproduziremos o texto em francês como consta do original.

Com Chartier, entendemos ser a leitura uma prática cultural. Se, por um lado, os responsáveis por uma obra ou edição de alguma obra têm a intenção de produzir um sentido e de controlá-lo, por outro, «a recepção também inventa, desloca e distorce»¹⁴. Portanto, deveremos considerar tanto os sentidos presentes na edição de Robertson quanto as maneiras pelas quais foi lida e utilizada.

Como ficará claro, as memórias de Ferreira são profundamente marcadas pela intertextualidade¹⁵ para com o texto de Robertson. O naturalista valeu-se de diversos trechos traduzidos (mencionando o autor ou não). Todavia, deve-se ter em mente que não era seu propósito fazer uma tradução. Por isso, pôde utilizá-la livremente, fazendo recortes, deixando de lado tópicos, manifestando algumas (poucas) discordâncias e valendo-se de paráfrases¹⁶.

No primeiro item, exporemos os principais conteúdos de *The History of America*, destacando a ideia da existência de um “caráter geral” dos ameríndios. No segundo, analisaremos instruções de viagem emitidas pelas autoridades portuguesas para mostrar como a redação de uma “História Filosófica” era um dos objetivos da Viagem Filosófica. O terceiro e o quarto itens tratarão das apropriações feitas por Ferreira da obra de Robertson, na *Participação Geral do Rio Negro* (1787) e nas *Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamais* (1790), respectivamente.

WILLIAM ROBERTSON E O «CARÁTER GERAL» DOS AMERÍNDIOS.

Originalmente publicada em 1777, *The History of America* constituía uma relativa novidade no momento da viagem de Ferreira. A obra compreendia dez capítulos (“books”), dedicados a temas diversos¹⁷. Interessa-nos princi-

¹⁴ Chartier, 1999: 7-9.

¹⁵ Ver Pereira e DeNipoti, 2016: 350-353.

¹⁶ Também não é o caso de se falar em plágio, noção inaplicável àquele contexto, como sustenta Chartier. Afinal, a despeito da emergência do conceito de propriedade intelectual no século XVIII, uma obra era definida menos por suas ideias e mais pela «maneira de escrever, o estilo, o sentimento, a linguagem». Chartier, 2012: 109-110.

¹⁷ Os temas foram os seguintes: grandes navegações (“Book I”), Cristóvão Colombo (“Book II”), conquistas espanholas (“Book III”), povos ameríndios (“Book IV”), a conquista do México por Cortez (“Book V”), a conquista do Peru por Pizarro (“Book VI”), mexicanos e peruanos (“Book VII”), colonização espanhola (“Book VIII”), “a história da Virgínia até 1688” (“Book IX”) e “a história da Nova Inglaterra até 1652” (“Book X”).

palmente o “Book IV”, do qual mais amplamente se valeu. Neste capítulo, Robertson apresenta características geográficas e físicas do continente, discute as várias teorias a respeito do povoamento da América e descreve os ameríndios em termos físicos, intelectuais, culturais, políticos e econômicos. Para tanto, fez largo uso de autores espanhóis como Acosta, Gomara, Herrera, Venegas, Oviedo e Gumilla, e não espanhóis, como Buffon.

Clérigo da igreja da Escócia, reitor da Universidade de Edimburgo e historiógrafo real da Escócia, Robertson foi um dos autores a desenvolver a chamada teoria dos quatro estágios civilizacionais, utilizando-a para interpretar a história da América. Segundo tal teoria, haveria um processo histórico global do qual participariam todas as sociedades humanas. Estas necessariamente passariam pelos estágios da caça/coleta, pastoreio, agricultura e comércio, numa ordem progressiva que iria da selvageria à civilização. No “Book IV”, o historiador empregou o termo «modo de subsistência» (*mode of subsistence*) para se referir a esses estágios, assinalando ser esse o princípio pelo qual as investigações sobre quaisquer populações humanas deveriam começar. A noção de modos de subsistência permitia a comparação das diferentes sociedades, estabelecendo-se graus de civilização¹⁸. Essa modalidade de história – a história conjectural, ou história filosófica escocesa do século XVIII – assentava-se numa concepção de progresso humano relacionada a uma noção de evolução de pensamentos e sentimentos, relações sexuais e familiares, costumes e maneiras¹⁹. A história conjectural caracterizou-se pelo desenvolvimento de uma investigação do início da história do homem e dos princípios fundamentais da natureza humana, em sua diversidade de experiências²⁰.

Partindo-se da constatação do modo de subsistência de cada sociedade, o que seria feito identificando-se o tipo de economia praticada, seria possível compreender todas as características culturais e políticas de determinado povo. A partir dessa constatação, poder-se-ia traçar um «caráter geral» de algum povo. No caso dos ameríndios, somente não seria válido para mexicanos e peruanos, considerados mais desenvolvidos²¹. Principalmente dependentes da caça e da pesca, os demais ameríndios eram tidos como «selvagens» e, portanto, cultura e politicamente semelhantes. Seriam eles os menos desenvolvidos povos de todo o mundo, pertencendo à «infância da vida social» («infancy of social life»). Para ele, o estudo dos povos americanos, como de qualquer outro povo, era importante «para completar a história da mente hu-

¹⁸ Varella, 2016: 362-371.

¹⁹ Sebastiani, 2013: 56-57.

²⁰ Varella, 2016: 368.

²¹ Pocock, 2005: 157 ss.

mana» («to complete the history of the human mind»). Nesse sentido, fazia-se necessário conhecer sua natureza e contemplar o homem em todas as situações em que já se encontrou²². Como veremos, foi com base na generalização do «caráter» do ameríndio que Ferreira compreendeu os indígenas das regiões visitadas. Afinal, eram também caçadores e pescadores e, portanto, tão «selvagens» quanto os outros. Sendo assim, teriam instituições, ideias e traços culturais em comum em relação aos «selvagens» descritos por Robertson.

No prefácio da obra, Robertson assinalou a intenção de futuramente redigir uma história da América portuguesa – referida por Ferreira, como veremos no próximo item – necessária para completar seu plano²³. O intento, no entanto, nunca foi concretizado. Na edição francesa, tal informação constava de seu primeiro tomo. Como o Book IV (“Livre quatrieme”) foi impresso no segundo tomo, concluímos que certamente pôde consultar também o primeiro²⁴.

Por ter feito uma crítica severa à Espanha como potência colonial, esta obra de Robertson passou a figurar entre os livros proibidos pelos Bourbons – o que não quer dizer que não fosse lida²⁵. Em Portugal, todavia, outra foi a obra censurada de Robertson: obra *The history of the reign of the emperor Charles V* (1769), em 1777²⁶.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA E A REDAÇÃO DE UMA “HISTÓRIA FILOSÓFICA”

A redação de uma “História Filosófica” foi um dos objetivos da Viagem Filosófica, como veremos agora. É possível que o uso da obra de Robertson tenha sido, inclusive, sugerido pelas autoridades que conceberam a expedição. Todavia, não há na documentação referências diretas de Vandelli e Melo e Castro a Robertson.

²² Robertson, 1777a: 281-283.

²³ Ibidem: v-vi.

²⁴ Há ainda três momentos em que se refere ou se apropria do texto do primeiro tomo. Os dois primeiros se dão quando explica a origem dos termos “índio” e “América”, referindo-se à “*His. Da América*, t. 1º, p.577” e à “*Vida de Colombo*, Cap.86, pág.577”, respectivamente Ferreira, 2003 [1790]: 74n. A primeira referência encontra-se em Robertson, 1777b: 577. Já *Life of Columbus* é obra largamente citada por Robertson naquele tomo. Ferreira menciona-a sem dizer a fonte. Por fim, há ainda na discussão sobre o descobrimento da América, feita em Ferreira, 2003 [1790]: 49-50, o uso da “*Note XVII*”. Robertson, 1777b: 349-355.

²⁵ Weber, 2007: 17.

²⁶ Martins, 2005: 495-497.

O fato é que há nas instruções de Vandelli aos naturalistas indubitáveis semelhanças em relação às temáticas presentes na obra de Robertson. Nas *Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar* (1779), além da indicação de que se realizasse uma descrição física dos territórios excursionados e de seus produtos naturais, Vandelli assinalou também a necessidade de uma «descrição moral» dos povos, isto é, deveriam ser apontadas características econômicas, políticas, sociais e culturais das populações locais. Caberia ao naturalista fazer anotações sobre o número de habitantes dos povoadamentos, suas construções, a «polícia e costumes dos povos», o «modo de fazer as suas núpcias, festas, jogos, funerais, até as últimas funções sepulcrais», sua «propagação», o «modo como educam seus filhos» e suas vestimentas. Além disso, dever-se-ia observar se sua vida é «casta ou dissoluta», se monogâmicos ou poligâmicos e se as mulheres são «fecundas ou estéreis». Exigia-se também dados sobre a alimentação dos ameríndios (o que consumiam, como produziam) e objetos utilizados (barcos, armas e instrumentos musicais). Vandelli fazia uso de concepções muito próximas das de Robertson e de outros autores da Ilustração. Dizia que «se forem povos civilizados», deveriam ser anotados quais eram os que se aplicam à agricultura ou ao comércio, além do estado de suas «letras» e «armas»²⁷. Os «povos civilizados» eram, portanto, aqueles que praticavam o comércio ou a agricultura.

O próprio termo «viagens filosóficas», usado por Vandelli no título das referidas instruções, relacionava-se ao conjunto de ilustrados no qual Ferreira estava inserido. Se, por um lado, «filosófico» se relacionava a natureza (como se vê pelo anteriormente citado currículo da Faculdade de Filosofia de Coimbra), por outro remetia à crítica das fontes espanholas promovida por determinados autores da Ilustração. Como afirma Juan Pimentel, a literatura de viagem dos séculos XVI e XVII passou a ser vista muitas vezes no século XVIII como obra de impostores, autores de mentiras e, portanto, era necessário dotar os novos viajantes de credibilidade²⁸. Num sentido semelhante, Cañizares-Esguerra examinou as críticas que os autores ilustrados escoceses da segunda metade do século XVIII passaram a tecer em relação às fontes tradicionalmente utilizadas para se escrever a história da América, principalmente os relatos espanhóis dos primeiros séculos de colonização, que passam a ser entendidos como pertencentes ao âmbito da «fábula». Segundo o autor, estudiosos ilustrados como Smith e Raynal, entre outros como Robertson, começaram a pôr em dúvida a credibilidade das informações que haviam sido escritas pelos «viaje-

²⁷ Vandelli, 2008 [1779]: 95-96.

²⁸ Pimentel, 2003: 52.

ros filosóficos». Para ele, os primeiros viajantes haviam descrito coisas que simplesmente não existiam²⁹. Portanto, os «viajeros filosóficos» da segunda metade do Setecentos eram vistos como protagonistas de como um novo tipo de viagem, promovido com o intuito de recolhimento de provas fidedignas para a construção de um novo conhecimento do Novo Mundo, considerado verdadeiro. Como alternativas aos inverossímeis relatos espanhóis, Cañizares-Esguerra aponta que essa nova historiografia emergente no final do século XVIII incluiu, entre os possíveis elementos de prova, o conhecimento que formaram dos ameríndios, pois estes passaram a ser vistos como representantes dos primeiros tempos da história da humanidade, povos congelados no tempo. Assim, a necessidade de se buscar informações mais firmes fez com que, pouco a pouco, a etnografia suplantasse as fontes escritas anteriores³⁰.

Trata-se de conclusão similar à que chegou outro historiador, David J. Weber. Para este autor, o estudo da humanidade em seu nível mais básico parecia poder fornecer subsídios para a compreensão do como e do porquê do desenvolvimento das sociedades complexas, o que não se podia mais depreender da leitura de textos antigos, considerados agora não críveis³¹. Analisando o caso da viagem de Alejandro Malaspina (1754-1809) ao redor do globo terrestre (1789), argumentou que esse e outros ilustrados da época procuraram explicar a sociedade a partir das teorias evolutivas de autores como Montesquieu, Condillac e Rousseau. De Robertson, teria retirado a ideia de degeneração dos índios, que seriam inferiores não por sua condição natural, mas por viverem na primeira etapa do desenvolvimento das sociedades, num estágio comparável à infância. Além disso, esses viajantes estavam preocupados em fornecer explicações racionais para dar conta das crenças dos índios, sem recorrerem a intervenções sobrenaturais, de Deus ou do demônio. Por praticarem uma espécie de antropologia primitiva ou protoantropologia, representavam uma ruptura com o passado³².

Nesse mesmo diapasão, o decreto da nomeação de Ferreira estipulou a necessidade de se fazer uma «etnografia» dos índios locais³³. Dizia o texto

²⁹ Cañizares-Esguerra, 2007: 37.

³⁰ Ibidem: 98. Nas *Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamais*, Ferreira chegou a inserir a tradução de um trecho de Robertson no qual se critica a descrição de «viajantes crédulos» de pigmeus, homens de um olho só, povos com «olhos e boca no peito» etc., isto é, narrativas que apresentam um «caráter de maravilhosos» (“fábulas”). Robertson, 1777c: 78-79. Ferreira [1790], 2003: 79-80.

³¹ Weber, 2007: 40-55.

³² Ibidem: 58-74.

³³ Nesse sentido, estamos aqui um pouco distantes do contexto dos observadores dos séculos XVI e XVII. Segundo Anthony Pagden, embora considerassem a existência de uma

que a comitiva deveria «proceder, nos vastos e quase de todo desconhecidos territórios dos estados do Pará, sertões do Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, ao estudo da etnografia das regiões percorridas». Registrava também ser necessário fazer «particulares observações filosóficas e políticas acerca dos objetos desta mesma viagem»³⁴. O uso das expressões «filosófica» e «política» – assim como «natural» –, para referir-se às obrigações dos viajantes, era bastante comum. Todavia, normalmente o termo mais utilizado era “História Filosófica”. Por exemplo, na “Portaria expedida pelo Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Souza de Albuquerque, Governador e Capitão General do Estado [do Grão-Pará]” (1784), designou-se os membros da viagem como os empregados «nas diligências da História Filosófica e Natural»³⁵.

Também Ferreira faz diversas menções nesse sentido. Na *Participação Geral do Rio Negro* (1787), consta a informação, possivelmente dirigida a Melo e Castro, de que, em sua visão, a «história filosófica e política de qualquer estabelecimento» significa «um grande número de observações dependentes de muitos conhecimentos, ou sejam simples ou combinados»³⁶.

Do mesmo ano, datam mais dois registros semelhantes. O primeiro consta da *Memória sobre o gentio cambeba*, na qual Ferreira afirma que o governador João Pereira Caldas «para em nenhuma coisa deixar de cooperar com o complemento da História Filosófica desta parte da América (...) ordenou ao sargento-mor Henrique João Willkeins (...) que fizesse vir à sua presença algum dos antigos Cambebas de cabeça chata»³⁷. O segundo é a referência, também de Ferreira, feita na *Memória sobre os gentios Uerequena*, ao plano de produzir a «história da indústria americana», a partir da remessa de artefatos indígenas para Portugal. Como se pode ver, trata-se de passagem cuja formulação é inteiramente baseada na concepção de História de Robertson:

Quaisquer que sejam as armas de que usam os gentios desta parte da América eu as tenho remetido no intuito de completar algum dia a História da Indústria Americana; sendo certo que, para se chegar a adquirir um perfeito conhecimento do seu princípio e progressos é preciso mostrar o Americano em todas as diversas situações que a Natureza o tem colocado, seguir os seus passos nos diferentes graus

ampla gama de costumes locais, tais cronistas não tinham como proceder por uma descrição minuciosa e o reconhecimento da singularidade do «outro», o que seria a «ambición declarada del etnólogo moderno». Isso porque pensavam todos os povos partindo da premissa da existência do direito natural, sem que pudessem abandonar seus preconceitos de sua educação, origem social ou o compromisso ideológico. Pagden, 1988: 26-27.

³⁴ *Apud* Costa, 2001: 995.

³⁵ Ferreira, 2007 [1784]: 543.

³⁶ *Ibidem*, 2007 [1787]: 329.

³⁷ Ferreira, 1974 [1787]: 52.

de sociabilidade, por onde ele tem passado, avançar gradualmente desde a Infância da sua vida Civil até a maturidade e a declinação do seu estado Social e observar os esforços a que em diferentes tempos tem feito as suas Faculdades ativas, em todos os ramos da Indústria na Guerra e na Paz.³⁸

O referido plano também possivelmente previa a redação de outra “História Filosófica”, a “Relação Circunstanciada do Rio da Madeira e seu território”. Em carta endereçada ao ministro Martinho de Melo e Castro (1789), Ferreira menciona uma ordem deste para que escrevesse “a história Filosófica e Política do Rio Madeira”, a qual deveria compreender, além de características geográficas e naturais do rio, «uma Noção Política da infância de seus estabelecimentos; quais tem sido seus progressos e vicissitudes; e qual o seu estado atual»³⁹.

Cerca de um ano depois, nas *Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamais*, o naturalista luso-americano anotou que Melo e Castro «Chamou o Naturalista da Universidade de Coimbra [no caso, ele mesmo, Ferreira] e o apresentou a Sua Majestade para o encarregar da História Filosófica e Política dos estabelecimentos portugueses no Estado do Grão-Pará»⁴⁰. Portanto, a redação de uma “História Filosófica” durante a viagem teria sido um pedido oficial do ministro.

Nesta memória, Ferreira incluiu uma lista de obras de História que deixa claro o sentido que entendia por “história filosófica”. Ele afirma que os escritos de história da América geralmente eram divididos «em eclesiástica, filosófica, política e militar»⁴¹. Cita primeiramente os historiadores que escreveram sobre o Brasil em «qualquer ramo da história que não tenha sido a natural», dividindo-os entre «Nacionais» (tanto obras publicadas quanto manuscritas) e «Estrangeiros»⁴². Entre estes, menciona Robertson e seu supracitado intento de escrever uma história da América portuguesa: o «Mr. Rubertson, principal da Universidade de Edimburgo e historiógrafo de Sua Majestade Britânica, no prefácio à História que escreveu da América, prometeu juntar-lhe a das colônias portuguesas e outros estabelecimentos europeus das ilhas da América»⁴³. Em seguida passa a tratar dos autores da “História Filosófica”, nos «diferentes ramos em que se divide a Filosofia», qual sejam, as «Matemáticas», «Medicina» e «História Natural»⁴⁴. Temos por certo, por-

³⁸ Ibidem: 73.

³⁹ *Apud* Mendes, 1945: 29.

⁴⁰ Ferreira, 2003 [1790]: 67.

⁴¹ Ibidem: 50.

⁴² Ibidem: 51-56.

⁴³ Ibidem: 56.

⁴⁴ Ibidem: 56-65.

tanto, que na sua concepção de história filosófica entravam esses três campos do saber.

A partir dessas citações de autoridades lisboetas e do próprio Ferreira, conclui-se que a redação de uma “história filosófica” da América portuguesa se constituía como uma missão oficial da qual o naturalista foi imbuído. A obra de Robertson cair-lhe-ia como uma luva para efetuar esta missão. É possível que sua utilização lhe tenha sido sugerida pelos organizadores da expedição.

A Participação Geral do Rio Negro e as primeiras apropriações de Robertson

Encontram-se na *Participação Geral do Rio Negro* – datada de 28 de outubro de 1787 e assinada em Barcelos, capital da capitania de São José do Rio Negro⁴⁵ – diversos momentos em que Ferreira mobilizou o “Book IV”. Trata-se de um inventário do Rio Negro, no qual o autor explica a origem do nome do rio e a razão da cor das águas, fornece informações geográficas, comenta sobre as povoações que o habitam e aponta características econômicas da região. Ou seja, o texto corresponde a uma verdadeira “história filosófica” da região, tal como conceberam as autoridades.

Os itens nos quais o autor recorreu a Robertson para a redação do inventário são os referentes aos «gentios»: “Superstição”, “Costumes”, “Vestidos e Ornatos”, “Bailes”, “Instrumentos Marciais e Festivos”, “Suas Armas” e “Utensílios Domésticos”. Todos eles guardam correspondência com itens ou subitens do “Book IV”. Portanto, são basicamente aspectos culturais, sem discorrer sobre economia ou política.

Vejamos alguns exemplos. Em “Superstição”, Ferreira anotou que os indígenas da região do Rio Negro «nenhuma forma têm de culto público, não erigem templo em honra das suas divindades, não têm ministros especialmente consagrados ao seu serviço»; apontou que os pajés eram seus «feiticeiros e sacerdotes», e que «são também os médicos, os filósofos e estadistas de cada tribo»; e assinalou que o sacerdote «explica-lhes os sonhos, observa os presságios e intima-lhes a atenção ao canto, e ao voo das aves, e aos gritos dos outros animais», com base nos quais faziam «prognósticos de futuro»⁴⁶.

⁴⁵ Ferreira e sua comitiva haviam chegado pela primeira vez à cidade em agosto de 1785. De 20 de agosto até 7 de janeiro de 1786, o naturalista explorou o Rio Negro, regressando após a Barcelos, onde ficou até 23 de abril. A partir daí, iniciou uma excursão pelo Rio Branco. Simon, 1983: 29-30. Esta durou até 27 de agosto, quando retornou a Barcelos e lá ficou até 27 de agosto de 1788. *Ibidem*: 38.

⁴⁶ Ferreira, 2007 [1787]: 350.

O uso do termo «pajé» para se referir a «feiticeiros e sacerdotes» (termos de Robertson) é significativo, pois o historiador tratou dos povos indígenas que não os da América portuguesa. Para Ferreira, isso não foi um problema, descrevendo-os praticamente da mesma maneira, mas preocupando-se em acrescentar o termo local.

O fato de Ferreira ter chamado o item de “Superstição” é interessante por fornecer mais uma evidência do uso da tradução francesa. As correspondências dos trechos acima com as passagens no texto de Robertson – como veremos a seguir – encontram-se no item VII do “Book IV”, intitulado “Their Religion” na edição inglesa⁴⁷. Na francesa, porém, por um possível erro de edição, consta sem título⁴⁸. Esta ausência explica o fato de o naturalista ter preferido nomeá-lo “Superstição”, não se valendo de uma tradução do título (ou termo próximo) em inglês.

Robertson havia tratado, entre outros aspectos, do que seriam os pontos fundamentais de um sistema religioso, isto é, da «l’existence d’un Dieu» e da «l’immortalité de l’ame»⁴⁹. A primeiro é visto como uma ideia abstrata inacessível aos ameríndios por suas faculdades intelectuais «limitadas» – questão importante de seu argumento, como aprofundaremos no próximo item. No lugar, valem-se da imaginação, supondo que furacões, terremotos e trovões sejam efeitos de ações de seres invisíveis – em outras palavras, são supersticiosos⁵⁰. Embora reconheça haver entre eles diversidade de noções religiosas, assegura que a maioria das tribos não tem templos e ministros e, em sua «crédulité puérile», realizam apenas cerimônias e práticas supersticiosas⁵¹. Já sobre a ideia de imortalidade da alma, Robertson celebra o suposto fato de que mesmo entre as tribos consideradas mais «incivilizadas» existe uma crença numa vida mais feliz após a morte, ainda que associada à superstição⁵². Feiticeiros (considerados impostores) exerceriam a função de médicos (ciência), imputando a origem das doenças a influências sobrenaturais. Diante de alguma dificuldade, recorrem a sonhos ou a sinais tirados da observação da natureza para prognosticarem o futuro⁵³.

Também no sentido de criticar relatos de agentes da colonização, Ferreira duvidou de certas interpretações religiosas sobre a religião indígena. Ele con-

⁴⁷ Robertson, 1777a: 378-392.

⁴⁸ Robertson, 1777c: 193.

⁴⁹ Ibidem: 195.

⁵⁰ Ibidem: 195-198.

⁵¹ Ibidem: 198-202.

⁵² Ibidem: 205-208.

⁵³ Ibidem: 208-213.

testou missionários católicos de quem teria ouvido algumas ideias que considerava erradas sobre a religião e os ritos indígenas. Segundo ele, seus pensamentos e costumes não são inteiramente obras do demônio, ainda que motivados pela superstição. Os missionários teriam incorrido em erro ao identificar em muitas ações dos gentios bem profundos vestígios dos mais sublimes mistérios, interpretando a seu jeito certas expressões e cerimônias que eles não entendem e transformando tudo quanto veem, do que verdadeiramente é, para o que se lhes representa ser.

Em outras palavras, «lhes atribuem ideias [do cristianismo], que eles, sim, são capazes de adquirir, como os outros homens, porém que ainda não as têm»⁵⁴.

Neste caso, apropriação de Robertson é também clara. Nas palavras deste, «Ils [Les prêtres & les missionaires] attribuent à ce peuple des idées qu'il est capable de avoir, & le supposent instruit de principes & de faits dont il est impossible qu'il ait la connoissance». Além disso, para ele, os mesmos padres e missionários compreenderam imperfeitamente os princípios religiosos e ritos indígenas, sendo induzidos a acreditarem que «même chez les nations les plus barbares de l'Amérique, des traces non moins claires que surprenantes d'une connoissance distincte des mysteres sublimes & des institutions particulieres du christianisme»⁵⁵. Não obstante a clara apropriação textual, o que Ferreira diz sobre os a influência do demônio não se encontra em Robertson.

O item seguinte do livro de Robertson é chamado “Detached customs”. Na versão francesa denomina-se “Costumes particulieres” (sem referi-lo como um item separado do anterior). Nele, o autor versa primeiramente sobre o «Amour de la danse», «une passion favorite des Sauvages de toutes les parties du globe». A dança é tratada como uma «occupation sérieuse & importante que se mêle à toutes les circonstances de la vie publique & privée». Entre essas outras circunstâncias, consta a guerra: «Si la guerre se declare contre un ennemi, c'est par une danse que exprime le ressentiment dont ils sont animés & la vengeance qu'ils méditent»⁵⁶. Ele assinala que todas as danças são imitações de alguma ação, como no caso das danças de guerra, representações de uma campanha completa (desde a saída dos guerreiros até seu retorno, incluindo a ferocidade do combate, a tortura das vítimas etc.)⁵⁷. Na sequência, o historiador descreve a paixão pelos jogos («Amour du jeu»), especialmente os de azar, e pela bebida («Goût des liqueurs fortes»). Lamen-

⁵⁴ Ibidem: 350. Esta passagem já constava da *Memória sobre as máscaras e camisetas que fazem os gentios Yurupixunas*. Ferreira, 1974 [1786]: 42-43.

⁵⁵ Robertson, 1777c: 193-194.

⁵⁶ Ibidem: 213-214.

⁵⁷ Ibidem: 215.

ta que mesmo as mais bárbaras tribos sabem produzir bebidas com as quais se entorpecem. Destaca o método de produção da maioria delas, a partir da extração de um líquido intoxicante do milho ou da raiz da mandioca. Usando uma infusão de uma certa quantidade desses vegetais mastigados pelas mulheres, produz-se a fermentação e, alguns dias depois, a bebida. Ao contrário das nações consideradas polidas, onde o consumo de bebidas alcoólicas é regulado, nos americanos, em geral, geram desejos violentos e insaciáveis, com as festividades sempre terminando em atos de violência e derramamento de sangue. As mulheres, embora preparem as bebidas, servem-nas aos convidados e tomem conta de seus maridos e amigos, não podem tomá-las – uma evidência do desprezo com o qual seriam tratadas no Novo Mundo e uma marca da inferioridade dos selvagens⁵⁸. Por fim, registra o hábito de matarem os velhos para cujas doenças desconhecem a cura, o que na «vida civilizada» seria considerado um ato chocante, mas que entre os indígenas é visto como uma prática misericordiosa⁵⁹.

Ferreira fez uso de “Costumes particulieres” para compor os itens “Costumes”, “Bailes” e “Instrumentos Marciais e Festivos”. Em relação ao primeiro, menciona a prática dos Uruquenas de matar velhos e doentes cuja «grosseira medicina não sabe remediar», para que fossem aliviados tanto o seu sofrimento. E conclui: «Eis um rasgo de piedade entre eles, que entre nós é uma impiedade»⁶⁰.

Em seguida, referindo-se diretamente a Robertson e transformando o francês «danse» em «baile», assinalou que este «é a paixão favorita dos selvagens desta parte do globo». Não se tratava de mero divertimento, mas de «uma ocupação muito mais séria e importante, que envolve em todas as circunstâncias da sua vida pública e particular, e de que depende o princípio, e o fim de todas as suas deliberações». Um exemplo são as danças em que declaram guerra, «uma verdadeira cena, em que se representa a campanha dos gentios»⁶¹.

E seguem-se as apropriações em “Instrumentos Marciais e Festivos”. As «mulheres por nenhuma forma são admitidas à dança». Os homens se animam para a dança com os «licores fortes, cujo abuso faz que não haja baile que não seja uma verdadeira bacanal». No estado de embriaguez, «cometem as maiores perfídias e impiedades; e é certo que rara é a dança que acaba sem efusão de sangue»⁶². Destaca também o modo de produção dos «licores», no

⁵⁸ *Ibidem*: 217-224.

⁵⁹ *Ibidem*: 224-225.

⁶⁰ Ferreira, 2007 [1987]: 351.

⁶¹ *Ibidem*: 355.

⁶² *Ibidem*: 357.

qual há outro exemplo (tal como o do pajé) de uma das características de sua narrativa: sempre que possível, acrescenta o nome local à descrição da qual se apropria de Robertson. Neste caso, são os «beijus»:

Lançam de infusão em água grandes quantidades de uns bolos chato de mandioca (a que chamam beijus), depois de mastigados pelas velhas. A saliva excita neles uma fermentação vigorosa, e dentro em poucos dias fica um licor de um sabor e furtum forte para a sua bebida.⁶³

No item “Suas Armas”, o texto de Ferreira apresenta mais trechos que são praticamente traduções, ainda que de forma adaptada e sem a devida referência ao autor. Isso pode ser visto na comparação com item “VI. Arts des Américains”, de Robertson. Características que o historiador atribuiu aos «selvagens» das Américas espanhola e inglesa foram aplicadas aos «povos que vivem na infância da sociedade» da América portuguesa. Assim, ao passo que Robertson afirma que «Les premieres armes offensives surent sans doute celles que le hazard présente, & les premiers efforts de l’art pour les perfectionner dûrent être extrêmement simples & grossiers»⁶⁴, Ferreira assinala que «Elas [as armas] nos fazem reflexionar, que as primeiras armas ofensivas foram sem dúvida as que ministrou o acaso, e que os primeiros esforços da arte para as aperfeiçoar, foram muito simples e grosseiros»⁶⁵. Há uma sequência de frases apropriadas do historiador escocês neste momento da narrativa, mas destaquemos apenas mais a seguinte. Enquanto Robertson fala do «l’arc & les fleches», assinalando que se trata de um objeto encontrado entre todos os povos que estão «dans l’enfance de la société»⁶⁶, o naturalista luso-americano também associa essa arma aos povos que estão «na infância da sociedade», mas adicionando que o arco-e-flecha é na América portuguesa produzido «com alguma ponta de madeira aguçada ou de taquara, ou são ervadas, e tomam o nome de curaís»⁶⁷. Aqui, portanto, são também introduzidos termo locais: «taquara» e «curaís».

Logo a seguir, Ferreira cita Robertson e alguns dos subitens do item “V. Art de la guerre”, baseando-se neles para refletir sobre as guerras dos tapuias:

- I. Os motivos para ela
- II. A ferocidade com que a fazem
- III. A perpetuidade em que a conservam

⁶³ *Ibidem*: 357.

⁶⁴ Robertson, 1777c: 187.

⁶⁵ Ferreira, 2007 [1787]: 357.

⁶⁶ Robertson, 1777c: 187.

⁶⁷ Ferreira, 2007 [1787]: 363.

IV. O modo de a fazerem

V. A conduta com os prisioneiros⁶⁸.

Argumenta ele que o «espírito de vingança é o maior de todos» os motivos para a guerra. E, não obstante não ser «a ideia de propriedade» o pretexto «mais frequente», outro motivo é a «usurpação dos frutos, das casas, e dos pescados dos rios, e das terras do território alheio»⁶⁹. Ele tem em mente a discussão feita por Robertson segundo a qual a guerra, entre os povos civilizados, se relaciona à existência da ideia de propriedade – ausente ou pouco desenvolvida entre os ameríndios. Para o historiador, os selvagens guerreiam não para conquistarem, mas para destruírem («Ils combattent non pour conquérir, mais pour détruire»). Ele compara o que seria seu comportamento passional à fúria instintiva de um animal («la fureur d'instinct des animaux»)⁷⁰. O mesmo faz Ferreira, para quem «o desejo de se vingarem é tão cego e abrutado como o das feras». Dessa maneira, «não as fazem [as guerras] para conquistar, mas sim para destruir»⁷¹.

O autor segue descrevendo a «perpetuidade», o «modo de a fazerem» e «a conduta com os prisioneiros». Robertson havia assinalado a existência de dois tipos de guerra: as motivadas pelas paixões e conduzidas por guerreiros solitários, sem consultar as tribos; e as «nacionais» («nationale»), deliberadas por assembleias dos anciãos («les ancians s'assemblent»). Nestas são consultados seus padres e adivinhos («les prêtres & les devins»). Declarada a guerra, fazem os preparativos: o confronto exigirá do guerreiro uma longa viagem pela floresta, passando por rios e lagos («durant de longs voyages, à travers des lacs & des rivieres, & dans des marches de plusieurs centaines de milles à travers des forêts horribles»). Cada guerreiro é equipado de armas e de mantimentos como milho. Dispersando-se pelas matas, chegam à tribo inimiga e a massacra⁷².

Na versão do naturalista, os consultados são os «pajés e velhos». Os guerreiros «têm de encontrar durante sua marcha inumeráveis obstáculos que vencer, tendo de atravessar grandes rios e lagos, de penetrar matas horríveis» e não levam «mais que as suas armas, e um pequeno saco ou de farinha de mandioca, ou de beiju, ou de milho; porque de caminho vai caçando ou pescando, até se aproximar às fronteiras do inimigo; surpreendê-lo, e destruí-lo».

⁶⁸ Ibidem: 363.

⁶⁹ Ibidem: 363.

⁷⁰ Robertson, 1777c: 153.

⁷¹ Ferreira, 2007 [1787]: 363.

⁷² Robertson, 1777c: 155-157.

Reporta também os disfarces que usam, a «ferocidade» com a qual agem e os prisioneiros que fazem⁷³.

Acerca dos prisioneiros, destaca também a violência com a qual são tratados. Mencionando particularmente os Mura e Uerequena, assinala que muitos se tornam escravos, e «são mais humanos que todos eles». São submetidos à «tortura ordinária e extraordinária», com seus ossos descarnados, suas carnes espetadas com paus «em brasa» e cortadas. Evocando novamente o nome de Robertson, descreve o ritual como um «terrível espetáculo». Neste, «duas coisas (reflete o mesmo inglês) excitam o pasmo de quem as ouve ou as vê»: a «cólera do vencedor», que não tem limites a não ser que ele decida abreviar a «duração da vingança», dando uma mais breve morte ao prisioneiro; e a ideia de que, quanto mais atormentado esteja o prisioneiro, «mais digno se julga ele da alta dignidade do ser do homem». Encurtar seus tormentos «seria uma nota de infâmia com que deixaria manchada sua família»⁷⁴.

Estas últimas considerações atribuídas a Robertson encontram correspondência subitem de “Art de la guerre”, denominado «Indifférence des prisonniers sur leur fort». Neste, descreve uma sessão de «tortura»: «Quelques uns lui brulent le corps avec des fers rouges; d’autres le coupent en morceaux, avec des couteaux; d’autres séparent la chair des os ou lui enfoncent des clous qui tournent ensuite dans les nerves». Em seguida, tece comentários como «Rien ne met des bornes à leur rage que la crainte d’abrèger la durée de leur vengeance, em donnant la mort par l’excès des souffrances» e «La force & le courage qu’il fait éclater dans cette situation terrible est le plus beau triomphe d’un guerrier. Fuir ou abrèger ses tourmens par une mort volontaire, est une lâcheté qu’on punit par l’infamie»⁷⁵ – os quais correspondem às «duas coisas que excitam o pasmo de quem as ouve ou as vê», de que falamos acima. O povo indígena citado por Robertson para exemplificar tais práticas são os Iroqueses.

O último item é “Utensílios Domésticos”. Nele, Ferreira comenta sobre sua cultura material: panelas, redes para dormir, materiais para fabricarem os beijus, machadinhas e roupas. Deixando sempre clara a «simplicidade de semelhantes utensílios», associa tal baixo desenvolvimento técnico à sua «indolência natural» – característica sobre a qual refletirá mais profundamente no próximo documento que analisaremos. Por dedicarem-se apenas à guerra e à caça, não exercitam os «esforços do espírito e da indústria dos povos». Ao construírem algo, comportam-se «como se fossem umas crianças», dis-

⁷³ Ferreira, 2007 [1787]: 364.

⁷⁴ Ibidem: 364.

⁷⁵ Robertson, 1777c: 164-165.

traindo-se continuamente. A construção de uma canoa demora tanto tempo que «chega a apodrecer de velha, antes de a eles concluírem, e neste descuido de si mesmos, uns se distinguem mais do que os outros». De todos os gentios, «o Mura é o que menos se trata e se alinha: os seus mesmos ornatos são muito grosseiros». Acrescente-se ainda o fato de que «nenhuma ideia há de propriedade; tudo é para todos», outro fator que manteria aqueles povos naquele estado de indolência⁷⁶.

Já em “Ustensiles domestiques” – parte de “Arts des Américains” –, Robertson afirma: «Comme leur nourriture & leurs habitations étoient extrêmement simples, leurs ustensiles domestiques étoient très grossiers & en petit nombre». Na sequência – em «Maniere de cuire les alimens» –, comenta rapidamente sobre o modo de preparo e cozimento de alimentos (normalmente no fogo)⁷⁷. O destaque, todavia, recai sobre a maneira como constroem canoas (em «Construction des canots»), considerada sua «le chef-d’oeuvre de l’art». Nesse ponto, o exemplo fornecido é o dos esquimós⁷⁸. Por gastarem muitos anos para construir uma canoa, «Ils emploient quelquefois plusieurs années à faire un canot, de maniere qu’il commence à pourrir de vieillesse avant d’être achevé». A essa demora, relaciona sua «indolence habituelle»⁷⁹. A interdisciplinaridade entre os textos é, portanto, evidente.

As Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamais: novas apropriações

Em Vila Bela (28 de fevereiro de 1790), Ferreira assinou as *Observações gerais e particulares, sobre a classe dos mamais observados nos territórios dos três rios, das Amazonas, Negro, e da Madeira: com descrições circunscanciadas, que quase todos eles, deram os antigos, e modernos naturalistas, e especialmente, com a dos tapuios*⁸⁰. Seus 23 cadernos manuscritos se referem, portanto, a mamíferos («mamais») dos territórios que cercam os rios

⁷⁶ Ferreira, 2007 [1787]: 364-367.

⁷⁷ Robertson, 1777c: 188-189.

⁷⁸ Ibidem: 189.

⁷⁹ Ibidem: 191.

⁸⁰ Assim como a *Participação*, Ferreira não publicou esta memória em vida. A primeira edição completa foi publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, em 1934. Este texto foi reproduzido pelo Conselho Federal de Cultura, em 1972. Ferreira, 1972. Utilizamos aqui a edição preparada por José Pereira da Silva, por cotejar as versões já anteriormente publicadas com o manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ferreira, 2003.

Amazonas, Negro e Madeira⁸¹. Trata-se também de uma “história filosófica”, mas dedicada a um tema específico.

A partir de explicações que dá sobre a «indolência» dos índios locais presentes nas *Observações*, é possível compreender melhor argumentos da *Participação*. A indolência, como veremos, é um traço do «caráter geral» da maior parte dos povos da América, pelo fato de todos compartilharem o mesmo «modo de subsistência». Todos estes vivem da caça e da pesca e apresentam uma agricultura no máximo muito primitiva, desconhecem a propriedade privada e são incapazes de pensarem abstratamente.

A memória pode ser dividida em duas partes. Na primeira, o autor primeiramente distingue conceitualmente os animais dos vegetais e minerais e define o que são mamíferos, tecendo considerações particulares sobre os mamíferos americanos⁸². Nessa parte, os autores referidos são, principalmente, Lineu e Buffon. Em seguida, reflete sobre a “Constituição física” («corporal» e «espiritual»), “Constituição moral” e “Constituição política” dos ameríndios⁸³, sustentando-se principalmente no historiador escocês. Já na segunda parte, faz a classificação e a descrição de dezenas de espécies de mamíferos⁸⁴. Nesta, praticamente não há apropriação do escrito de Robertson, mas sim de obras como a *Histoire Naturelle* de Buffon, consultada na biblioteca do governador de Mato Grosso. Foi para compor essa terceira parte que provavelmente se valeu de informações obtidas junto aos povos indígenas, conforme anunciado no título da memória.

Considerando o homem como parte do Reino Animal, assinala ser o «lugar do homem» na «primeira ordem» do sistema de Lineu. O «conhecimento de si mesmo» é o que lhe caracteriza. Contudo, assinala existirem diversos tipos de conhecimento sobre o homem: fisiológico, dietético, patológico, político, moral e teológico⁸⁵, e de certa forma ele tentará dar conta de todas essas dimensões. Antes, reflete sobre a razão da diversidade dos homens. O «tapuia» – o «homem natural» – é entendido como uma «variedade» da espécie *Homo*

⁸¹ Depois da última estadia em Barcelos (finda em agosto de 1788), a expedição recebeu ordens para seguir para Vila Bela (capital da capitania de Mato Grosso), o que foi feito pela navegação dos rios Madeira e Amazonas (e afluentes). Chegaram ao destino a 3 de outubro de 1789. Simon, 1983: 41. A partir de Vila Bela, fizeram incursões pela região de Cuiabá, regressando à capital em junho de 1791. Três meses depois, iniciaram o caminho de volta a Belém do Pará, onde chegaram em 12 de janeiro de 1792. De lá, regressaram a Lisboa. *Ibidem*: 46.

⁸² Ferreira, 2003 [1790]: 15-21.

⁸³ *Ibidem*: 22-70.

⁸⁴ *Ibidem*: 71-158.

⁸⁵ *Ibidem*: 22.

sapiens. É constituído por suas singularidades em torno de cor, corpo, o lugar em que habita e seus «usos e faculdades mentais», que se constituem como diferenças em relação a europeus, africanos ou asiáticos⁸⁶.

A partir da “Constituição física” – «corporal», retoma o uso da obra de Robertson, particularmente pelo item “I. Constitution phisique des Américains”⁸⁷, o qual é seguido por “II. Qualités morales des Américains”⁸⁸. O item seguinte, em inglês “III. Their social state”, não é nomeado no seu início⁸⁹, mas antes fora referido por “III. Leur état domestique”⁹⁰. Por fim, apropria-se também de “IV. Institutions politiques”⁹¹.

Na “Constituição física – corporal”, faz uma observação sobre serem encontrados entre os ameríndios tantos «pigmeus», «corcovados», «aleijados», «cegos», «surdos» e «mudos» como na Europa⁹². A razão disso é que promoveriam «abortos» e «infanticídios», práticas proibidas do outro lado do Atlântico. Essas observações foram apropriadas do subitem «None of them deformed» (sem título na edição francesa), no qual o autor afirma que as «sociétés policées», ao contrário das selvagens, não abandonam ou cometem abortos das crianças «deformadas» («difformité») ⁹³.

Ainda neste item, Ferreira estabelece relações entre o «caráter» do ameríndio e sua aptidão para o trabalho. Assinala ele que, entre eles, «a agilidade excede a força» – o inverso do que se daria entre os negros. Constituindo «a debilidade (...) o caráter de seus corpos e a frieza, o de suas almas», gera-se uma dificuldade para que se adaptem ao regime de trabalho imposto pelo colonizador. Ele lista uma série de causas para essa inadaptação: não são acostumados ao trabalho desde crianças; desconhecem instrumentos e técnicas necessários (fundição e uso de metais; utilização de animais); encontram na natureza tudo o que precisam para seu sustento; têm desejos limitados; e há «liberalidade do comércio dos dois sexos»⁹⁴. Ou seja, sugere-se que essa «fraqueza» dos corpos ameríndios, raiz de sua suposta inadaptabilidade ao regime de trabalho, não é inata, mas causada por fatores culturais. Fossem educados ao trabalho desde cedo, e reunindo as demais condições necessárias, não apresentariam qualquer debilidade.

⁸⁶ Ibidem: 22.

⁸⁷ Robertson, 1777c: 62.

⁸⁸ Ibidem: 90.

⁸⁹ Ibidem: 103.

⁹⁰ Ibidem: 61.

⁹¹ Ibidem: 114.

⁹² Ferreira, 2003 [1790]: 27-29.

⁹³ Robertson, 1777c: 73-76.

⁹⁴ Ferreira, 2003 [1790]: 29-30.

Neste ponto, refere-se ao “Manuscrito de Mr. Godin, o moço citado por Robertson”⁹⁵. Trata-se de passagem baseada em nota de fim do livro (“Note XLIV”). Afirma Ferreira que «O vigor da constituição dos americanos (diz ele) está exatamente na razão de seu hábito ao trabalho»⁹⁶, enquanto que na referida nota lê-se: «la vigueur de la constitution des Américains est exactement en raison de leur habitude au travail»⁹⁷. A teoria de Robertson postulava que a aptidão do homem para o trabalho variava de acordo com o «état» ao qual se pertencia: os corpos dos que trabalham regularmente na indústria se acostumam ao trabalho e à fadiga. Mas num «état plus simple», as demandas são menores e, logo, os corpos não adquirem a mesma força⁹⁸. Semelhantemente, Ferreira considera que, por não serem seus corpos «oprimidos de trabalhos», os ameríndios «com maior frequência do que entre os europeus, aparecem muitos que são sadios e longevos»⁹⁹, relacionando, na sequência, exemplos de índios (mas também de negros e brancos) do Pará, Rio Negro e Mato Grosso que, por essa razão chegaram a «centenários»¹⁰⁰.

Fica claro, portanto, que a constituição «corporal» tem por base “Constitution phisque des Américains”. A constituição «espiritual», porém, foi construída basicamente em cima de citações de uma série de autores mencionados por Robertson em notas de fim correspondentes a “Their social state” e “Art de la guerre”¹⁰¹, tais como Chanvalon, Ulloa, La Condamine, Venegas, Ribas e Piso. Apropriando-se de tais passagens, Ferreira apontou o que seriam a «excessiva simplicidade», «indolência extrema», «imbecilidade», «insensibilidade», «estupidez», as limitações intelectuais e a ausência de ambição que estariam na base do «caráter» dos ameríndios – o que Robertson chamou de «caráter geral». Assim, embora considerado um *Homo sapiens* – tal como o europeu –, no fundo ainda é visto de forma desigual. As «faculdades intelectuais» dos indígenas não só os inferiorizam em relação aos europeus, mas também os aproximam dos outros animais.

No restante do subitem, Ferreira se utiliza das noções gerais sobre o «caráter» do ameríndio para tirar novas conclusões dos povos indígenas da América portuguesa. A linha de raciocínio tem por base suas supostas estupidez e

⁹⁵ Ibidem: 30n.

⁹⁶ Ibidem 30.

⁹⁷ Robertson, 1777c: 461.

⁹⁸ Ibidem: 68-69.

⁹⁹ Ferreira, 2003 [1790]: 30.

¹⁰⁰ Ibidem: 31-32.

¹⁰¹ As correspondências às citações a Chanvalon, Ulloa, Condamine e Venegas encontram-se na “Note L”. Robertson, 1777c: 466-471. A Ribas, na “Note LXXXV”. Ibidem: 491-492. E, a Piso, na “Note LXXXVI”. Robertson, 1777c: 492.

preguiça, entre outros aspectos. A «preguiça extrema» dos indígenas justifica que sejam antes pescadores do que caçadores, já que a pesca «requer menos atividade que o caçar»¹⁰². Em função de seus dotes intelectuais limitados, são incapazes de formularem ideias abstratas e, logo, não podem desenvolver ciências como a Aritmética (não possuindo moedas ou bens de raiz, não têm o que avaliar) e a Geografia (não sabem fazer mapas, assim como não sabem contar as horas com relógios, muito embora alguns deles, «domesticados», dominem métodos substitutos)¹⁰³.

O último ponto é o da religião. Estando ainda na “infância da sociedade”, as «potências intelectuais» da maioria dos povos ameríndios são tão débeis que «não permitem o distinguir dos outros animais, deduzindo, pelo que é visível, a existência o invisível». Sua «ignorância» lhes impede de formar conhecimento de um «Ser Supremo», sua língua não tem «expressão que designe divindade» e não sabem refletir nem raciocinar. Em outras palavras, não se encontram «exercitados pela Filosofia, nem iluminados pela Revelação». Ferreira aí volta a se referir ao item «Superstição dos gentios» da *Participação* e outros¹⁰⁴.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o item seguinte, “Constituição moral”, corresponde mais propriamente a «Leur état domestique» do que a «Qualités Morales des Américains». Já o último item, “Constituição política”, baseia-se em boa parte «Institutions politiques».

“Constituição moral” se inicia com uma ponderação a respeito da diferença do tratamento ofertado às mulheres entre os «povos civilizados» e os «tapuia». Considerando ser a «afeição conjugal» o «primeiro de todos os afetos humanos», afirma que, entre os primeiros, «merece a mulher a seu marido», enquanto que, entre os segundos, a mulher é «escrava de seu marido»¹⁰⁵. Esta ideia da mulher como escrava aparece no seguinte trecho de Robertson: «Le mariage même, au lieu d’être une union d’amour & d’intérêt entre deux égaux, est plutôt une chaîne qui lie une esclave à son maître»¹⁰⁶. O naturalista assinala ainda que a diferença de gênero se materializa inicialmente na «repartição do trabalho», com o homem se dedicando a «roçar, caçar e pescar; porém nada mais», e a mulher às atividades relacionadas a plantar, colher, transportar e cozinhar. Ou seja, ela é a «que tudo faz, e passa pelos empregos mais humilhantes». A condição de escravidão se manifesta

¹⁰² Ferreira, 2003 [1790]: 35.

¹⁰³ Ibidem: 37-38.

¹⁰⁴ Ibidem: 39.

¹⁰⁵ Ibidem: 40.

¹⁰⁶ Robertson, 1777c: 106.

também pelo fato de serem compradas, pelos maridos, de seus pais, «em troca do que eles desejarem, porque entre os gentios não há moeda»¹⁰⁷. Robertson também tocou nessa questão, ao considerar que, entre muitos povos americanos, «l’homme y achete une femme de ses parens»¹⁰⁸.

Outra consideração de Robertson diz respeito ao vigor das mulheres. Além do excesso de trabalho nas atividades citadas e da sujeição ao homem, o autor discorreu sobre outros fatores que fariam com que «La vigueur de leur constitution physique est épuisée par l’excès du travail»¹⁰⁹. Ele fala de tribos errantes que, por dependerem da caça, dificultam que as mulheres tenham um segundo filho até que o primeiro se torne independente de seus cuidados. Diz que os casamentos raramente ocorrem cedo, fazendo com que o período de fertilidade da mulher se encerre antes de que possam dar todos os cuidados necessários ao segundo ou ao terceiro filho. Narra também eventos relacionados ao abandono de crianças (como no caso em que há gêmeos, em que rejeitam um deles), em razão das dificuldades para sustentá-los¹¹⁰. Ferreira igualmente aponta as «diferentes causas» do «pouco vigor de sua constituição física», as quais seriam: além do «trabalho doméstico e rural» e dos «esforços dos partos e criação dos filhos», a «dissipação de substância», a «debilidade dos alimentos» e a «frequência dos deboches». Comenta ainda sobre as mulheres parirem cedo e ficarem com a aparência e força «tão estragada[s]» na juventude («de 17 a 20 anos») quanto uma europeia de 30 anos. E introduz o que seria uma outra causa disso: a prostituição. Segundo ele, «Da idade de nove anos para cima, principiam a prostituir-se» – situação gerada pela «pobreza em que vivem». Assim, «os brancos as sustentam e vestem, tanto a elas como a seus parentes; os índios lhes fazem as roças e, com isso lhes pagam», ao mesmo tempo em que elas «não perdem casamento», já que «visto aos olhos de um índio, a honra deste gênero é cousa bem insignificante»¹¹¹.

Há ainda outras apropriações feitas por Ferreira da obra de Robertson nesse item. Todavia, destaquemos os comentários feitos sobre a questão do desejo sexual dos ameríndios, pois nesse caso aparece uma diferença importante entre os autores. As afirmações de Ferreira contradizem passagens de “*Constitution physique des Américains*”, nas quais se afirma que os americanos são insensíveis ao amor, sendo esse «instinct» em grande medida estranho a eles. Mesmo nos climas onde normalmente a paixão adquire maior vigor, a

¹⁰⁷ Ferreira, 2003 [1790]: 40-41.

¹⁰⁸ Robertson, 1777c: 107.

¹⁰⁹ Ibidem: 109.

¹¹⁰ Ibidem: 109-111.

¹¹¹ Ferreira, 2003 [1790]: 42.

frieza do ameríndio para o amor com as suas esposas seria patente¹¹². Manifestando discordância, Ferreira assegura que essa frieza não existe. Claramente respondendo diretamente ao historiador escocês, sublinha que aquilo que «se diz, para prova de sua debilidade, que nem a mesma veemência do apetite do coito é neles tão grande como nos europeus, ainda os mais bem mo-rigerados, eu não o confirmo nos que tenho visto». O fato de habitarem as margens dos rios, onde a «subsistência [é] abundante», faz com que «as paixões que excitam as necessidades, como a fome, a peste e a guerra, não enfraquecem ou distraem aquela do amor»¹¹³. Esse é um dos poucos exemplos de discordância que manifesta.

Por fim, em “Constituição Política”, trata basicamente de quatro temas: organização política, línguas, origem dos povos americanos e descobrimento da América. O primeiro, o terceiro e o quarto pontos apresentam apropriações evidentes de *Histoire de l’Amérique*.

O tema da organização política foi em grande parte baseado em “Institutions politiques”, um item-chave da obra de Robertson. É nele que o autor discute os «modos de subsistência» («moyens de subsistance»), tratando da pesca, caça e agricultura ameríndias¹¹⁴, bem como do desconhecimento da domesticação de animais e do uso de metais. Ferreira não reproduz inteiramente a discussão, mas a emprega a expressão «modo de viver», sua versão para «modo de subsistência», falando também em «subsistir»¹¹⁵.

Deste item, apropriou-se principalmente das considerações sobre comunidades políticas. Em “Constituição política”, tece toda uma discussão sobre a «palavra ‘nação de índios’», que, para ele, não significa a mesma coisa que na Europa, dada a diferença populacional, muito maior no Velho Mundo. «Nação», na América, denotaria uma pequena e insignificante sociedade de «300, 400 e 600 almas », muito embora ocupem «espaços maiores que os maiores reinos da Europa»¹¹⁶. Essa colocação foi retirada de passagem de Robertson, na qual se afirma:

En Amérique le mot de *nation* ne réveille pas d’aussi grandes idées que dans les autres parties du globe. On l’applique à des petites sociétés qui ne sont composées que de deux ou de trois cents personnes, mais qui occupent solvant des pays plus considérables que certains royaumes de l’Europe¹¹⁷.

¹¹² Robertson, 1777c: 66-68.

¹¹³ Ferreira, 2003 [1790]: 41.

¹¹⁴ Robertson, 1777c: 114-125.

¹¹⁵ Ferreira, 2003 [1790]: 43.

¹¹⁶ Ibidem: 42-43.

¹¹⁷ Robertson, 1777c: 132. Grifo do autor.

Robertson considera que essas «petites sociétés» são diminutas porque seu próprio modo de subsistência impede que cresçam. Ferreira vai pelo mesmo caminho, designando-as de «pequenas tribos» ou «aldeias»¹¹⁸. A repartição das famílias em «pequenas tribos» seria necessária para «poderem subsistir segundo o seu modo de viver», afinal não tratam eles «de lavoura, de comércio e de criações de gados»¹¹⁹. Portanto, «modo de viver» é a maneira como designou os «moyens de subsistance», de Robertson. Não se trata do mero emprego da expressão: toda a argumentação de Ferreira tem por base essa noção de «modos de subsistência», a qual mobilizou para a compreensão do indígena da América portuguesa, a partir do que Robertson afirmou para povos ameríndios da América espanhola e inglesa.

Ferreira aponta que, em épocas de paz, essas «nações» da América portuguesa não possuem um governante único para todas. Não há representantes escolhidos ou magistrados. O que há são as “malocas” (termo ausente em Robertson) – onde vivem as famílias. As malocas são governadas por «principais», os quais fazem uso da justiça cada um à sua maneira, e por vingança. Todavia, quando há guerra, escolhe-se um «chefe» para todas as “nações”, a quem caberá «dirigir aos que se querem alistar como soldados»¹²⁰. Trata-se de uma adaptação da narrativa de Robertson, segundo a qual somente quando entram em guerra «ils sentent qu’ils ont une existence commune avec les compagnons de leurs travaux». Mas quando não estão nessa situação, «on n’apperçoit parmi eux aucune trace d’union politique, on ne voit aucune forme de gouvernement. Les noms de *magistrat* & de *sujet* n’y sont pas même en usage»¹²¹. É dele também a ideia de vingança: «Le droit de la vengeance est laissé dans les mains des particuliers»¹²².

Após a discussão sobre a organização política, Ferreira passa a tratar das línguas. Mesmo nesse caso, cuja discussão é ausente em Robertson, parte do «caráter» dos ameríndios. Assim, sendo o «tapuia (...) um homem sério e melancólico», tem um ritmo lento de falar, não sabe prestar muita atenção ao que o outro fala, não sabe comunicar com franqueza seus sentimentos e é «naturalmente desconfiado»¹²³. Porém, ao contrário do que se poderia supor,

¹¹⁸ Para definir «aldeia», valeu-se da tradução de uma citação de “Mr. Barrere” transcrita por Robertson: «Mas o que são estas aldeias? Nas casas de que elas se compõem (diz Mr. Barrere) se vê logo um ar de extrema pobreza, e são uma perfeita imagem dos primeiros tempos». Ferreira, 2003 [1790]: 43. No original, encontra-se na “Note LXXVIII”. Robertson, 1777c: 488-489.

¹¹⁹ Ferreira, 2003 [1790]: 43.

¹²⁰ Ferreira, 2003 [1790]: 43.

¹²¹ Robertson, 1777c: 137-138. Grifos do autor.

¹²² Robertson, 1777c: 138.

¹²³ Ferreira, 2003 [1790]: 44.

essas características não têm correspondências em suas línguas, já que «ou para a prosa, ou para o verso, não deixa de haver nas suas línguas suficiente energia e propriedade». Os tupinambás, por exemplo, teriam uma língua «harmônica, vasta e enérgica», comparável à «grega pela composição dos seus vocábulos», pobre somente em ideias abstratas¹²⁴. Nesse sentido, não haveria inferioridade nenhuma em relação às línguas europeias.

Por fim, há também no escrito de Ferreira uma discussão sobre as origens do povoamento da América, na qual replicou a longa discussão sobre o tema desenvolvida pelo historiador escocês. Tal como as partes sobre o descobrimento da América, não se tratam de questões que envolvam o «caráter geral» dos povos americanos, e por isso não nos prolongaremos nelas. Todavia, é importante assinalar, pensando na maneira como a memória foi redigida, que nenhuma das discussões foi extraída de “Institutions politiques”, embora constem de “Constituição política”: a primeira aparece em “Comment l’Amérique a été peuplée”¹²⁵ e, a segunda, no primeiro tomo de *Histoire de l’Amérique*¹²⁶. É também na parte em que discute a origem dos ameríndios que fornece as principais evidências do uso dos volumes franceses, ao respectivamente mencionar a obra de “Crantz. *História da Groenlândia* citada por Robertson na sua *História da América*, t. 2º, p.46”, a qual consta em nota de Robertson neste mesmo tomo e página, e comentar sobre «O autor [Robertson] tem dito em outra parte ‘que muitos fatos decisivos estabelecem uma consanguinidade entre os esquimós e os groelandos’. Tomo 2º, 47», assunto também tratado pelo historiador¹²⁷. Ambas as referências batem com os originais apontados.

Outro ponto interessante é o uso da noção de “prova”, a qual reproduz a partir de Robertson. Como comentamos anteriormente, o trabalho dos viajantes do final do século XVIII envolvia, em muitos casos, a necessidade de coletar provas para que a história da América fosse, de alguma maneira, reescrita. Nesse sentido, partindo do pressuposto de que toda a «race humaine» derivou de um ancestral comum¹²⁸, o historiador opõe “prova” à noção de «conjectura», ou seja, hipóteses sem comprovação. Entre estas, compreender-se-iam as hipóteses de que os ameríndios descendiam de povos da Antiguidade, de que sua origem estaria numa época em que os continentes estavam unidos e a segundo a qual ali chegaram por embarcações¹²⁹. Para Robertson,

¹²⁴ Ibidem: 45.

¹²⁵ Robertson, 1777c: 26-50.

¹²⁶ Robertson, 1777b: 50-54.

¹²⁷ Ferreira, 2003 [1790]: 47.

¹²⁸ Robertson, 1777c: 27.

¹²⁹ Ibidem: 26-38.

haveria apenas duas hipóteses aceitáveis, pois baseadas em provas: migração pelo Estreito de Bering ou pela Groenlândia. Para concluir ser a primeira a verdadeira, baseou-se principalmente no fato concreto da descoberta da passagem entre a Rússia e a América pelas expedições patrocinadas pelos tzares russos entre os séculos XVII e XVIII¹³⁰. De acordo com ele, essa seria precisamente a mesma rota dos emigrantes da Ásia e, portanto, tal narrativa corrobora com a tese com a qual concorda¹³¹. Por sua vez, a possibilidade de migração a partir da Groenlândia é descartada pois os chamados esquimós seriam os únicos semelhantes fisicamente aos habitantes daquela ilha. Os demais povos americanos, por sua vez, teriam aspecto mais semelhante aos de tribos asiáticas, provavelmente os Tártaros¹³². A visão de Ferreira é a mesma, apenas exposta de maneira resumida¹³³. Da mesma forma fez em relação à discussão sobre o verdadeiro «descobridor da América», pensada também em termos de «especulações» (conjecturas). Para tanto, também se apropriou da discussão de Robertson sobre ter sido Colombo o primeiro europeu a chegar à América, ou se teria sido “Martinho Behaim” no século XV, o “príncipe Madoc” no XII, ou os “noruegos” no X¹³⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A versão francesa do “Book IV” foi de grande utilidade para que Ferreira redigisse a “história filosófica” das regiões visitadas (a etnografia dos povos indígenas). Como vimos, Ferreira realizou uma grande apropriação textual da obra de Robertson, fazendo uso da maioria de seus itens e incorporando também reflexões contidas nas notas de fim da mesma.

Contudo, não se trata de dizer que ele procedeu por uma reprodução do escrito do historiador escocês. O naturalista luso-americano compreendeu muito bem o sentido geral de *The History of America*, apropriando-se não só do texto, mas também da ideia – central na obra de Robertson – de que todos os povos indígenas «selvagens» partilhariam do mesmo “caráter”. Isso porque, por viverem principalmente da caça e da pesca e de terem uma agricultura considerada pouco desenvolvida, teriam o mesmo «modo de viver» (o «mode of subsistence», de Robertson). Foi por meio da incorporação desse entendi-

¹³⁰ Ibidem: 43.

¹³¹ Ibidem: 49-50.

¹³² Ibidem: 46.

¹³³ Ferreira, 2003 [1790]: 46-50.

¹³⁴ Robertson, 1777b: 349-355. Ferreira, 2007 [1790]: 49-50.

mento que Ferreira construiu sua visão acerca dos povos indígenas da América portuguesa. As características relativas a nativos das Américas espanhola e inglesa puderam, assim, ser utilizadas, por extensão, para a descrição dos povos indígenas das capitanias por onde passou. Afinal, o «modo de viver» de todos os povos indígenas da América seria praticamente o mesmo, com exceção dos peruanos e mexicanos.

Além disso, vimos como o naturalista fez adaptações em relação ao texto que lhe serviu por base, inseriu outras informações, acrescentou denominações relativas às especificidades das regiões visitadas e até mesmo manifestou discordâncias em relação a Robertson, como no caso da suposta falta de veemência no apetite sexual dos ameríndios.

BIBLIOGRAFIA

- Cañizares-Esguerra, Jorge, *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo*, México, FCE, 2007.
- Chartier, Roger, *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, Brasília, Editora UnB, 1999.
- Chartier, Roger, “Entrevista com Roger Chartier”, Priscila Faulaber, José Sérgio Leite Lopes (orgs.), *Autoria e história intelectual da ciência*, Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2012, 81-116.
- Coelho, Mauro Cezar, “Um conhecimento sobre o homem: os indígenas do Rio Negro nas reflexões de Alexandre Rodrigues Ferreira”, *Anais do Arquivo Público do Pará*, 3/2 (Belém, 1998): 215-237.
- Corrêa Filho, Virgílio, *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*, São Paulo-Rio de Janeiro-Recife-Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1939.
- Costa, Maria de Fátima, “Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior”, *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, VIII/0 (Rio de Janeiro, 2001): 993-1014. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702001000500011>
- Ferreira, Alexandre Rodrigues, *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias – Zoologia e Botânica*, Conselho Federal de Cultura, 1972.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues, *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias – Antropologia*, Conselho Federal de Cultura, 1974.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues, “Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamais”, Cristina Ferrão, José Paulo M. Soares (eds.), *Viagem ao Brasil de Ale-*

- andre Rodrigues Ferreira* II, Volume 3, Rio de Janeiro, Kapa Editorial, 2003: 9-158.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues, “Participação Geral do Rio Negro” e “Portaria expedida pelo Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Souza de Albuquerque, Governador e Capitão General do Estado”, Francisco Jorge dos Santos, Auxiliomar Silva Ugarate e Mateus Coimbra de Oliveira (orgs.), *Viagem Filosófica ao Rio Negro*. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas e Editora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2007: 329-426 e 543.
- Galvão, Eduardo e Moreira Neto, Carlos A., “Introdução”, Alexandre Rodrigues Ferreira, *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias – Antropologia*, Conselho Federal de Cultura, 1974.
- Kury, Lorelai, “Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)”, *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, 11/1 (Rio de Janeiro, 2004): 109-129. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702004000400006>
- Martins, Maria Teresa Esteves Payan, *A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005.
- Mendes, João Ribeiro, *Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira – geógrafo*, Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1945.
- Pagden, Anthony, *La caída del hombre natural*, Madrid, Marcial Pons, 1988.
- Pereira, Magnus e DeNipoti, Claudio, “Os diários de viagem do doutor Lacerda; a trama de referências no texto de um astrônomo paulista no final do século XVIII”, *Antíteses*, 9/18 (Londrina, julho-dezembro 2016): 343-377. <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2016v9n18p346>
- Pimentel, Juan, *Testigos del mundo: ciencia, literatura y viajes en la Ilustración*, Madrid, Marcial Pons, 2003.
- Pocock, J. G. A., *Barbarism and Religion: Barbarians, Savages and Empires, Vol. IV*, Cambridge University Press, 2005.
- Raminelli, Ronald, *Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo à distância*, São Paulo, Alameda, 2008.
- Raminelli, Ronald e Silva, Bruno, “Teorias e imagens antropológicas na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792)”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 9/2 (Belém, maio-agosto de 2014): 323-342. <https://doi.org/10.1590/1981-81222014000200005>
- Robertson, William, *The History of America. Volume the first*, London, W. Strahan, T. Cadell & J. Balfour, 1777a.
- Robertson, William, *Histoire de l’Amérique. Tome Premier*, Paris, Panckoucke, 1777b.
- Robertson, William, *Histoire de l’Amérique. Tome Second*, Paris, Panckoucke, 1777c.

- Sebastiani, Silvia, *The Scottish Enlightenment: Race, Gender, and the Limits of Progress*, New York, Palgrave Macmillan, 2013.
- Simon, William Joel, *Scientific Expeditions in the Portuguese Overseas Territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteenth Century*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983.
- Vandelli, Domenico, “Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar”. *O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli*, Rio de Janeiro, Dantes Editora, 2008, 93-158.
- Varella, Flavia Florentino, “Robert Southey, William Robertson e a teoria dos quatro estágios na construção da macronarrativa da história dos autóctones americanos”, *Revista de História*, 175 (São Paulo, julho-dezembro 2016): 349-384. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2016.111112>
- Weber, David. J., *Bárbaros: los españoles y sus salvajes en la era de la Ilustración*, Barcelona, Editorial Crítica, 2007.

Fecha de recepción: 7 de febrero de 2019.

Fecha de envío de las modificaciones: 25 de mayo de 2019.

Fecha de aceptación: 10 de julio de 2019.

Alexandre Rodrigues Ferreira's understanding of indigenous peoples in Portuguese America during the Philosophical Journey (1783-1792): the appropriation of a French translation of William Robertson's *The History of America* (1777)

This article aims to address how naturalist Alexandre Rodrigues Ferreira used a French edition of The History of America (1777) by historian William Robertson, to understand the indigenous peoples of Portuguese America during the Philosophical Journey (1783-1792). To this end, we compare the French edition with two of his writings, the General Participation of Rio Negro (1787) and the General and Particular Observations on the Class of the Mammals (1790), evidencing the naturalist's uses and textual appropriations. We argue that the understanding of the indigenous peoples of the regions Alexandre visited was based on the identification of their “mode of subsistence” and the existence of an Amerindian “general character”, conceptions incorporated from his reading of Robertson.

KEY WORDS: Alexandre Rodrigues Ferreira; William Robertson; Philosophical Journey; Amerindians; Enlightenment; Portuguese America.

La comprensión de los pueblos indígenas de la América portuguesa por Alexandre Rodrigues Ferreira durante el viaje filosófico (1783-1792): La apropiación de una traducción francesa de *La Historia de América* (1777) de William Robertson

Este artículo trata de la forma en que el naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira utilizó la edición francesa de La Historia de América (1777), del historiador William Robertson, para comprender a los pueblos indígenas de la América portuguesa durante el Viaje filosófico (1783-1792). Procedemos comparando la edición francesa con dos de sus escritos, Participación General de Río Negro (1787) y Observaciones Generales y Particulares sobre la Clase de los Mamais (1790), destacando los usos y apropiaciones textuales que hizo el naturalista. Argumentamos que la comprensión de los pueblos indígenas de las regiones que visitó se basó en la identificación de su «modo de subsistencia» y la existencia de un «carácter general» amerindio, conceptos incorporados de su lectura de Robertson.

KEY WORDS: *Alexandre Rodrigues Ferreira; William Robertson; viajes filosóficos; amerindios; Ilustración; América portuguesa.*
